

[Con]viver e [co]existir nas geografias das infâncias

[Co]living and [Co]existing in the Geographies of Childhood

[Con]vivir y [Co]existir en las Geografías de la Infancia

Delcio Antônio Agliardi^I

Patrícia Giuriatti^{II}

LOPES, Jader Janer Moreira. **Atrás da porta: vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [con]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças.** São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2024.

Um livro. Um texto. Uma espera. Uma experiência de leitura. Assim foi. Recebemos, pelo correio, o livro *Atrás da Porta: vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [con]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças*, do professor Jader Janer Moreira Lopes. É um livro diferente, que evoca saberes da ciência e da literatura. Em nossas [con]vivências com as obras, literárias ou não, eu e Patrícia adotamos o pensamento de Jorge Luís Borges, de que o livro é uma extensão da memória e da imaginação.

Lopes escreveu este livro (e outros) compondo-o com palavras de natureza teórica e poética, para ampliar o horizonte que emerge da temática vivência espacial na e da infância, sobretudo de bebês e crianças pequenas. O livro tem como destino preferencial pesquisadores e pesquisadoras das infâncias e suas espacialidades, profissionais e trabalhadoras da educação escolar e não escolar e, sobretudo, aqueles que ainda pensam e agem no mundo com amorosidade espacial e lutam pela justiça existencial de bebês e crianças.

Muitos são os conceitos, as ideias e os termos apresentados nesta obra, os quais estão em sintonia com os poemas escritos na abertura de cada um dos Livros: “Quando se cai”, Livro 01; “Quando as escalas esquecem vidas”, Livro 02; “Enseada”, Livro 03; “Ser paisagem Desacostumada”, Livro 04; “Quando a gravidade é altruísta”, Livro 05; “Labaredas e Taphos”, Livro 06; “O embornal de bola de gude”, Livro 07; “Os cabelos de Maria”, Livro 08; e, ao final da obra, “Aula (Currículo)”. Esses poemas do autor se entrelaçam com a teoria e as manifestações empíricas dele, expressando que literatura e ciência podem caminhar juntas.

O autor faz uma fiada na própria vivência, desejando criar um inventário de suas andanças, com a intenção de evocar a memória humana no presente, dando continuidade à teoria sobre a espacialização da vida (Lopes, 2021). O livro é fruto de anos de trabalho, o qual tem ênfase nas relações entre bebês e crianças pequenas com o espaço em que vivem. De acordo com Lopes (2024, p. 22), “ecoar as vozes no tempo é também uma forma de espacialização do viver no momento atual”. Assim ele escreve: evocando memórias imêmore.

^IUniversidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: daagliardi@ucs.br  <http://orcid.org/0000-0002-7853-5262>

^{II}Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: pgiuriatti@ucs.br  <https://orcid.org/0000-0001-8471-3101>

A obra está estruturada em oito livros e não precisa ser lida de forma linear, pois o texto tem relação unidade-meio e cada capítulo é uma totalidade; por isso, o autor chama o capítulo da publicação de livro. Cada livro *ocupa-se*, expressão autoral, de conceitos que estão articulados numa mesma vertente teórica, entrelaçada com as vivências da infância do autor. O conceito contido em cada um dos livros não se encerra nele. O *ocupa-se* é uma metáfora que tem sustentação na perspectiva teórica bakhtiniana de consciência e memória. No Livro 01, [*Ocupa-se de memórias espaciais*], Lopes propõe que é pela enunciação (bakhtiniana) que evocamos memórias, é ela que constrói a consciência de si e de mundo partilhado. Para ele,

Não há espacialização sem narração, sem contar, sem sentença ou provérbios. E como não há palavra que é livre de sentimento, podemos dizer que não há espacialização sem afeto, até mesmo em um cemitério na Rússia, em um caixão na Zona da Mata Mineira ou atrás de uma porta. (Lopes, 2024, p. 18)

A palavra emerge na mesma horizontalidade de todos os segmentos sociais, mesmo cada um ocupando locais diferentes no espaço e no tempo. Para Lopes (2024, p. 15), “o tempo é um dos cortes que fatiam e interrompem o espaço”. Nessa perspectiva, as crianças possuem muitos enunciados que nos colocam em constante atividade na vida. *Atrás da porta* é um livro que surgiu dos ditos das brincadeiras de criança, afirma seu autor.

Apoiado na concepção de que a gente nasce nas palavras (Lopes, 2024, p. 42), o autor tece inúmeras teorizações e provocações educacionais para pensar nossas infâncias. Para ele, “retornar aos locais de nossas infâncias significa colocar em comparação um corpo pequeno e um corpo grande no mesmo espaço em tempos diferentes”. Assim, a vivência espacial só pode ser compreendida na unidade da fusão de duas metamorfoses: a do eu e do espaço; a do eu e dos meus espaços.

Para refletir acerca da intercorporeidade, uma das facetas da interespecialidade, Lopes (2024), no Livro 04, afirma que o corpo infantil se une em comunicação corporal com o adulto para permitir que a intenção em atitude se complete. Ao interagir com as crianças em um contexto de educação escolar, o autor narra acontecimentos do cotidiano escolar para refletir sobre como a imitação é também uma marca do mundo adulto, presente em nossas ações, reelaboradas pelo contexto em que nos encontramos.

Desde esse espaço de experimentação que a [con]vivência com as crianças oportuniza, Lopes (2024, p. 53) volta a afirmar que: “não há vocábulo sem afeto, não há vocábulo sem contexto, não há contexto sem afetividade.” Palavras, afetos e gestos vão nos localizando amorosamente no espaço e na relação que construímos com o outro. Ou seja, o amor pelo espaço e pelo outro é uma construção. Para Lopes (2004), espacializar-se na vida é ser capaz de conduzir a vida para outros lugares, tendo cada um de nós como carregadores, que anunciam as paisagens e aquilo que nelas se penduram.

No Livro 05 [*Ocupa-se das interamorosidades, onisciências e éticas infantis ou da confiança espacial*], o autor Lopes (2024) reflete as angústias pelas gramáticas desconhecidas, isto é: para as crianças não importa a inquietação do adulto pela decifração e ansiedade pela linguagem do outro, pois o chão é a base para as crianças que saltam do encontro entre o corpo e as materialidades, os desenhos, as brincadeiras. Pelas palavras alheias, citando Bakhtin, as crianças vão se envolvendo com a condição brincante da vida.

Nesse Livro, Lopes pisa novamente no terreno teórico ao afirmar que as teorias que encerram o desenvolvimento, as transformações de cada um de nós, por seu caráter ontogenético, criam com base na condição exotópica (Bakhtin) o quadro do acabamento do outro, condição da própria vivência espacial. Assim, no fazer pedagógico com bebês e crianças, a vida emerge do espaço de forma intensa; tudo é vida para as crianças, tudo é vivência. O autor retoma a ideia de que somos seres de linguagem. Segundo Lopes (2024, p. 73), “nós vivemos ou morremos na palavra outra.

Também nos eternizamos nela”. O que as crianças escrevem são documentos de vida, não garatujas, conclui ele.

Na escritura do Livro 06 [Ocupa-se da desilusão espacial], Lopes evoca lembranças para referir-se à condição de muitos seres humanos: a de se tornar órfãos de espaços, criados para salvar, acolher e criar vidas humanas. No entanto eles são desfeitos em razão das situações socioeconômicas que impactam a vida de bebês e crianças. As questões socioeconômicas de muitos territórios brasileiros contribuem para romper os enraizamentos e jogam vidas para outros cantos, tornando o amor pelo espaço desilusão espacial. A condição dos povos migrantes, e das crianças refugiadas, se inclui nesse enredo na vida dos “acidentes geográficos”.

Em *Atrás da porta*, encontramos outro conceito significativo para ele: a espacialização singular no existir da infância, de algumas infâncias. As geografias infantis têm potências reveladoras, afirma o autor, considerando-se a produção de saberes que vem desses seres, imersos em suas vivências. Ao concluir o Livro 06, Lopes (2024, p. 83) afirma: “somos filhos e filhas de vidas geográficas e não apenas das grandes vidas históricas”. Ou seja, os lugares que vivemos transformam as nossas existências.

[Ocupa-se da topogênese em bebês e crianças ou ainda em crer no amor pelo espaço] é o título do Livro 07. Nele, Lopes narra a presença do escorregador no território brincante da criança como um brinquedo que se pereniza como artefato das paisagens de infância. Ao brincar no escorregador, elas recriam esse instrumento herdado do mundo. Ao narrar como as crianças brincam, o autor apresenta a construção do conceito de vivência em Vigotski, associado aos conceitos de situação social do desenvolvimento e da reelaboração criadora. “A humanização é um processo marcado pela unidade do plano individual-social-natural” (Lopes, 2024, p. 89); e não basta olhar a experiência da criança, é necessário olhar também para a vivência como totalidade enunciativa.

Os conceitos de [con]viver e [co]existir são retomados no Livro 08. Para Lopes (2024, p. 95), “todo bebê que nasce é prelúdio de uma nova vida, é outra história a refundar as geografias do mundo.” Com a chegada de um novo bebê, o adulto vai reaprendendo as linguagens humanas, palavras, sons, gestos, ritmos, olhares e afetos. Espacializadas em cada cômodo da casa, da vida do adulto e do bebê e de muitas outras vidas, “histórias defluem, encostam-se para que a gênese do humano possa não apenas nascer, mas renovar-se e continuar a filogênese” (Lopes, 2024, p. 96). Assim, a espacialidade é um momento único, um espaço único, um instante no chão da humanidade dessas pessoas.

Por último, o autor reflete acerca das espacializações que bebês e crianças encontrarão no viver, seus outros aliados de diálogo, de conversações, de linguagens. Ou seja, só é possível viver com os nossos parceiros humanos de comunicação de linguagem. Esse é o centro das relações humanas, entre adultos, bebês e crianças, de onde emergem o afeto, o intelecto, a liberdade, ou o aprisionamento. Por isso, há de se ter ética e cuidado na relação com os bebês e crianças. Enfim, “cada ser humano, em diálogo com a humanidade, vai para além de si e, nesse fazer-se, vai criando-se no mundear” (Lopes, 2024, p. 99).

REFERÊNCIA

LOPES, Jader Janer Moreira. **Terreno baldio**. Um livro sobre balbuciar e criar os espaços para desacostumar Geografias. Por uma Teoria sobre a Espacialização da Vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Atrás da porta**: vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [con]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2024.

Como citar este artigo: AGLIARDI, Delcio Antônio; GIURIATTI, Patrícia. [Con]viver e [co]existir nas geografias das infâncias. **Revista Brasileira de Educação**, v. 30, e300084, 2025. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782025300084>

Conflitos de interesse: Os autores declaram que não possuem nenhum interesse comercial ou associativo que represente conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Financiamento: O estudo não recebeu financiamento.

Contribuições dos autores: Agliardi, D.A.; Giuriatti, P.: Conceituação. Investigação. Metodologia.

Declaração de disponibilidade de dados: Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do artigo.

SOBRE OS AUTORES

DELCIO ANTÔNIO AGLIARDI é doutor em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professor da mesma instituição.

PATRÍCIA GIURIATTI é doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Recebido em 21 de abril de 2024

Aprovado em 4 de dezembro de 2024

Editor/a responsável: Filomena Maria de Arruda Monteiro  <https://orcid.org/0000-0002-2991-7416>

